

INSEGURANÇA E SVAZIA COMÉRCIO NA BARRA

Emilly Oliveira*

REPORTAGEM

emilly.oliveira@reddebahia.com.br

Os pontos turísticos são conhecidos pelo comércio forte, mas em Salvador a realidade é outra. Além do Pelourinho, a Barra também vem sofrendo com o fechamento do comércio local. Para os moradores e comerciantes que resistem, o cenário é preocupante e reforça problemas antigos: a insegurança e a falta de estrutura para receber o público que lota o bairro nos finais de semana.

As paisagens do Farol, Porto e Cristo estão dividindo espaço com portas de lojas e restaurantes fechados e imóveis com placas de vende-se e aluga-se. Na Avenida Oceânica e nas ruas Afonso Celso e Almirante Marques de Leão, há pelo menos dez estabelecimentos fechados onde antes funcionavam comércios. O levantamento foi feito pela reportagem.

Para os comerciantes e donos de hotelaria, o fechamento é reflexo da falta de segurança pública que cresce durante o período de baixa temporada. Nos dias de Carnaval e de eventos como o aniversário da cidade, há policiais nas vias principais e nas ruas internas do bairro. Durante o resto do ano, eles afirmam que o policiamento é insuficiente.

O patrulhamento na Barra é feito pela 11ª Companhia Independente de Polícia Militar com o apoio do Batalhão Especializado de Polícia Turística (Beptur) e pela Guarda Civil Municipal (GCM).

Segundo Carolina (nome fictício a pedido da fonte), que tem um estabelecimento próximo ao Farol da Barra, apesar de os agentes das duas guarnições serem vistos diariamente no local, eles per-

manecem em média 30 minutos e nunca após as 18h. No final de semana, ela afirma que o tempo de permanência é um pouco maior.

A reportagem esteve no Farol das 14h às 18h. Neste período, uma viatura da PM foi vista passando e uma da Guarda ficou estacionada com alguns agentes. A guarnição da CGM permaneceu no local por duas horas, das 15h40 às 17h40.

“Quando ficam [os policiais] batem papo, riem, se distraem, fazem tudo, menos observar o que está ao redor para garantir nossa proteção. As vezes o carro é deixado sozinho e ninguém os encontra quando procura. As 18h ninguém vê policiais e o medo de ficar com o comér-

Cartão postal

Pelo menos 10 estabelecimentos estão fechados entre o Cristo e o Farol

Trecho da Rua Dom Marcos Teixeira, entre a Afonso Celso e a Marques de Leão

cio aberto aumenta”, afirma Carolina, que foi assaltada há dois meses, depois de fechar sua loja, às 20h.

Já Vitória (também nome fictício), que trabalha na Barra, vai e volta com medo. Há um mês, ela ouviu tiros vindos de dentro de um galpão na Avenida Oceânica, em frente ao Cristo. O local já foi um restaurante, sediou um camarote no Carnaval e agora está vazio. Também fica próximo a um ponto de ônibus.

“Eu pego transporte ali todos os dias. Sempre foi inseguro, porque não há policiamento, mas depois do Carnaval piora. Neste dia, eu estava esperando o ônibus e vi um homem dentro [do galpão]. Depois ouvi vários tiros vindos de lá. Passou um ônibus e eu entrei correndo, mas ainda deu para ver o rapaz baleado no chão e outros homens se aproximando. Acho que eram seguranças”, disse.

AUTOPROTEÇÃO

Nem o intenso movimento de sábado e domingo deixa os comerciantes seguros. De acordo com Carolina, o “deserto” em que a Barra se transforma de segunda a sexta mexe com a rotina da semana inteira e leva os comerciantes a adotarem as próprias medidas de segurança.

Os celulares não são deixados no balcão da loja, os fun-

cionários evitam ficar de costas para não serem pegos distraídos e o horário de funcionamento do estabelecimento foi reduzido. “Não temos mais condições de fechar às 20h e fechamos 18h. Esse é justamente o horário que a Barra lota nos finais de semana, mas não vale a pena ficar porque não tem mais segurança”, diz Carolina.

Dono de uma pousada na Barra, Marcos Papaya instruiu os hóspedes a andarem em grupo depois das 18h. “As pessoas são assaltadas à noite e temos o velho problema de ninguém denunciar porque já sabe que não vai dar em nada”, comenta.

Sobre isso, o registro das ocorrências é importante para que os autores dos delitos possam ser identificados e responsabilizados. Além disso, os dados ajudam a PM a intensificar o policiamento onde se mostra mais necessário.

“A gente não se sente seguro em lugar nenhum, mas é triste que isso aconteça até nos pontos turísticos, onde geralmente a segurança é maior. Não dá para deixar de vir, porque são nossos cartões postais, mas o celular só sai da doleira para uma foto rápida”, conta a representante comercial Fátima Souza, de 51 anos.

*SOB SUPERVISÃO DO EDITOR HERBEM GRAMACHO.



PAULA FROES

Polícia diz que bairro é vigiado durante 24 horas

A Polícia Militar informou que o policiamento na Barra é feito com o reforço do Batalhão Especializado de Polícia Turística (Beptur) e conta com policiais, viaturas e bases móveis em regime de 24 horas. Para isso, afirma levar em consideração os índices de ocorrências registradas e de acionamentos feitos.

A reportagem solicitou um posicionamento da Guarda Civil Municipal (GCM), da Secretaria de Segurança Pública (SSP-BA) e da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Secult), mas até o fechamento desta matéria não houve resposta.

A Polícia Civil também foi procurada para informar

o número de ocorrências de furto, roubo, homicídio e tentativa de homicídio registrados em 2022 e este ano na Barra. A corporação afirmou precisar de um prazo de 72 horas para realizar o levantamento.

Presidente da Associação de Moradores e Amigos da Barra (Amabarra), Watson Campos amplia o rol de pro-

blemas para falta de manutenção nas vias, capinagem e conscientização dos visitantes quanto ao acúmulo de lixo e à depredação do patrimônio. “O poder público vê a Barra como um palco e só se empenha em melhorar algo nas vésperas de grandes eventos, como o Carnaval. Depois deixa a Deus dar”, acusa.